



Evento	Salão UFRGS 2014: X SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre - RS
Título	I SEMANA INTEGRADORA DE SAÚDE COLETIVA: Práticas de Educação em Saúde em uma Escola Pública de Porto Alegre, RS
Autores	PAULO CEZAR DE MORAES CRISTIANNE MARIA FAMER ROCHA ALEXANDRE ALIATTI ANNONI ÁLISSEON LEÃO FERNANDES MICHELE PAULA PRETTO Rafael Cerva Melo

O desenvolvimento de atividades de Promoção da Saúde em ambiente escolar, com adolescentes e adultos jovens, é um desafio que diferentes autores tem apontado como instigante e necessário para a formação e para a atuação dos profissionais da área da Saúde Coletiva, já que obriga a adoção de uma postura educativa crítica e emancipatória com uma atitude de negociação e apropriação de um universo sociocultural pouco conhecido entre educador e educando. Na semana de 19 a 23 de maio de 2014, foi realizada a *Semana Integrada em Saúde Coletiva*, em que os acadêmicos do Curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da UFRGS tiveram a oportunidade de vivenciar “in loco” (e fora dos “muros” da Universidade) a organização e a realização de uma prática educativa, com vistas à Promoção da Saúde, em uma Escola Estadual de Ensino Médio, localizada em Porto Alegre, RS. As atividades foram desenvolvidas por um grupo de acadêmicos, com a orientação de grupo de professoras, e serão aqui apresentadas, didaticamente, em seis passos: *Primeiro passo: a aproximação* – nesta etapa, ocorreu a aproximação entre as professoras do Curso de Saúde Coletiva e o Diretor da Escola, de forma a contratualizar expectativas de ambas as partes. Vale citar que a Escola em questão foi escolhida porque uma aluna do Curso de Saúde Coletiva, que havia estudado nesta Escola, relatou as dificuldades e problemas que os alunos do Ensino Médio noturno enfrentam em relação a diferentes questões (trabalho, desânimo, uso de drogas, etc). *Segundo passo: organizando a casa* – os acadêmicos do Curso de Saúde Coletiva se reuniram na Escola de Enfermagem para organizar a atividade. Discutiu-se a proposta como um todo, bem como as expectativas iniciais para o trabalho na Escola. Foi preparado, por uma parte dos acadêmicos, um questionário para que fosse possível conhecer o perfil socio-sanitário dos alunos. *Terceiro passo: o reconhecimento* – em um primeiro momento, foi apresentado, aos alunos da Escola, o Curso de Saúde Coletiva da UFRGS e quais os possíveis pontos de atuação de um sanitarista. Houve interação entre os dois grupos (acadêmicos e alunos), com perguntas a respeito do Curso. Logo a seguir, foi apresentado o questionário socio-sanitário individual e não identificável e os grupos de alunos da Escola (estavam presentes alunos de duas turmas do 1º ano do Ensino Médio e uma turma do 3º ano) voltaram as suas salas. No retorno à sala, nosso grupo utilizou a técnica de construção de um varal para que os alunos pudessem conceituar o que entendem por saúde e doença. Nos varais, foram colocados desenhos e/ou frases, sendo contextualizadas pelos alunos a respeito de suas concepções. Para finalizar, foi utilizada uma caixa para que os alunos sugerissem temas que desejassem que fossem abordados por nós no retorno, após o planejamento das atividades. *Quarto passo: o planejamento* – As atividades foram planejadas de acordo com as dúvidas levantadas pelos alunos expressas na caixa de temas. O tema mais solicitado foi sexo. Diante disso, formulou-se a seguinte proposta: formar uma roda de conversa, onde os interlocutores seriam os próprios alunos e o papel dos acadêmicos de Saúde Coletiva seria de intermediar o conhecimento e, em certos momentos, provocar questões sobre o tema. *Quinto passo: vivenciando as temáticas* – Foi realizada uma roda de conversa com a distribuição aleatória dos alunos e acadêmicos. Em um primeiro momento, foram apresentados imagens de DST e preservativos masculinos e femininos, que foram utilizados como estimuladores e provocadores do tema. Os acadêmicos de Saúde Coletiva e os alunos fizeram perguntas uns aos outros, tentando sempre manter a roda aberta e interativa, onde todos trocassem experiências, onde nós (acadêmicos) tentássemos falar a “língua” deles e não utilizar uma linguagem de difícil compreensão. Ao final da conversa/troca de ideias, foram distribuídos preservativos masculinos e femininos aos alunos. *Sexto passo: a crítica* – A realização de uma atividade “estranha” e “externa” (fora dos muros da universidade, em um ambiente pouco conhecido, com um público pouco receptivo, entre outros fatores) nos obrigou a sair da “zona de conforto” acadêmico e gerou inicialmente um certo receio, vivenciado por todos. Mas quando há o contato com os alunos, percebe-se que essa também é a primeira reação deles e, portanto, pode-se dizer que tal falta de receptividade é natural. Passado o instante inicial, foi possível verificar a riqueza de conhecimentos de uma cultura própria de adolescentes das escolas públicas de Porto Alegre. Devemos considerar também a oportunidade que tivemos ao experienciar o exercício de promover saúde a atores reconhecidamente desvinculados dos serviços de saúde, a partir da sua percepção e necessidades. Por fim, a experiência nos mostrou que o aprendizado acadêmico não pode (e não deve) ficar restrito (a um espaço, a um grupo social, etc), devendo ser compartilhado em diferentes ambientes e com diferentes públicos, sempre tentando passar o conhecimento de uma maneira acessível, já que, enquanto sanitaristas, temos o dever de propagar tudo o que nos seja possível sobre saúde e outros temas que a sociedade demanda.